

Conflitos internos: desdobramentos sociais na cidade de Piranhas/AL em detrimento da intervenção da CHESF (1985/2000)

Monielly Suelen Gomes Barboza

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História, UFAL

monysuelen@gmail.com

RESUMO

A presença da Chesf (Companhia Hidrelétrica do São Francisco), na cidade de Piranhas, interior do estado de Alagoas, em meados do século XX, causou, por conta da construção de uma usina hidrelétrica, diversas mudanças no cotidiano da população local, inclusive com a chegada de dezenas de trabalhadores de outras localidades que se instalaram em Piranhas para trabalhar na construção da usina, assim como também na infraestrutura, geografia e, principalmente, no social da população da cidade. O presente artigo busca demonstrar, e, também, entender as mudanças sociais que ocorreram pela intervenção da Chesf, além de mostrar como essas mudanças levaram a população à conflitos internos, baseados nas imposições da Companhia.

Palavras-chave: Sociedade. Conflitos. Chesf.

Introdução: A caminhada da Chesf até Piranhas/AL

A Companhia Hidroelétrica do São Francisco – Chesf -, surge na década de 1940 com o intuito, e, logo a responsabilidade, em relação a atendimento populacional de energia elétrica por toda região Nordeste, como é proposto pela mesma desde a fundação desse projeto.

A Companhia Hidroelétrica do São Francisco – Chesf -, com sede em Recife, capital do estado de Pernambuco, é uma empresa de economia mista [...] Com a missão de produzir, transmitir e comercializar energia elétrica, contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico da Região Nordeste. [...] A Companhia foi a principal agência executora da política energética na Bacia Hidrográfica do São Francisco, onde estão instaladas suas principais usinas hidrelétricas (SILVA, 2003, p. 45).

Uma das usinas mais importantes a serem construídas, foi a usina de Paulo Afonso – a primeira das construídas nos arredores da cidade -, no início da década de 1950, foi o que levou a Companhia a conhecer a cidade de Piranhas, no estado de Alagoas, e, desde então, ter interesse em construir uma hidroelétrica (que torna-se a maior do complexo Chesf) também na região alagoana.

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

Em 1951, a Câmara de vereadores de Pirapora (norte de Minas Gerais) envia ofício à Câmara de vereadores de Piranhas para tratar de gestões em favor da ‘execução do plano geral de aproveitamento econômico do Vale do São Francisco’.

No mesmo documento é solicitado aos vereadores locais que se dirijam à Câmara de Maceió e aos senadores pro Alagoas ‘para que este estado seja beneficiado com energia elétrica produzida pela Companhia Hidroelétrica do São Francisco, na mesma época em que a receberão os estados de Pernambuco e Bahia’ (OLIVEIRA, 2003, p. 272).

Esse interesse em construir uma usina hidroelétrica em Piranhas se concretiza apenas no final da década de 1970, quando, nesse período foram liberados os recursos para a realização da construção da usina, inclusive os recursos hídricos.

A partir da década de 1980, com a Chesf instalada na cidade de Piranhas, inicia-se as mudanças, em todos os âmbitos, na cidade e sua população, o que nos cerne neste artigo são as mudanças e conflitos sociais surgidos pelo “fenômeno” Chesf.

Desdobramentos sociais em Piranhas em fins do século XX

A cidade de Piranhas fica localizada no interior do estado de Alagoas, fazendo divisa com o estado de Sergipe, sendo Canindé de São Francisco sua vizinha, e também cidade que “ajuda” a abrigar a hidroelétrica construída pela Chesf na década de 1980.

Em julho de 1981, os estudos de viabilidade e a elaboração do Projeto Básico do Aproveitamento Hidrelétrico de Xingó, foram adjudicados à firma PROMON ENGENHARIA S.A, a qual, por disposição contratual foi incumbida de promover a avaliação dos estudos anteriormente desenvolvidos e efetivar a indicação do melhor local para a implantação da obra (**Relatório para escolha do local de aproveitamento hidrelétrico de Xingó**, p. 4.).

Para que se entenda o tamanho da influência da Companhia e quais foram os desdobramentos sociais em Piranhas por conta da chegada da mesma, é preciso, primeiramente, entender o contexto da vida em Piranhas no período pré-Chesf.

No período anterior a Chesf, a dinâmica em Piranhas era bem diferente, era típica de cidades de interior em períodos como o fim século XIX e início do século XX, ou seja, não havia muita influência de outras localidades.

A população piranhense vivia basicamente da pesca, o que era facilitado pois a cidade fica à margem do rio, além de ter um pequeno comércio. Este sustentava a base econômica da cidade graças a ferrovia, que funcionava como transporte comercial dos produtos, o fazendo em maior escala e com mais rapidez.

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

O lugar da implantação da cidade oferecia todas as exigências. Contava, primeiramente, com a presença do rio (dessedentação, higienização e limpeza, alimentação, comunicação e lazer). Sua vocação portuária tinha importância por ser o último porto seguro do Baixo São Francisco a proporcionar uma constante comunicação com os viajantes e outras comunidades. [...] As ocupações, em sua maioria, estão relacionadas a pesca, confecção de petrechos, covos, redes, tarrafas – e carpinteiros a beira do rio, que constroem e consertam embarcações. [...] É através do desenvolvimento da navegação a vapor, 1867, que Piranhas de Cima começa a se desenvolver, pelo estabelecimento de linha regular entre as cidades de Penedo e Piranhas, reforçada pela implantação da ferrovia poucos anos mais tarde. Essa cadeia associada mudou totalmente as condições de comunicação entre o litoral e o sertão, possibilitando o crescimento e autonomia de Piranhas (SILVA, p. 39-32).

Essa dinâmica persiste até a década de 1960, quando, em 1964, ferrovia é desativada, deixando Piranhas em uma grande estagnação por volta de uma década, pois esse panorama só volta a mudar quando há a instalação da Chesf na cidade, e isso ocorre somente no início da década de 1980.

Com a desativação da estação ferroviária de Piranhas na década de 60, a cidade sofreu forte impacto nos aspectos sócio-cultural e econômico, testemunhando a saída dos trabalhadores da Rede Ferroviária, o esvaziamento das casas; a diminuição da população e a perda de figuras importantes que, ligadas à Estação, estimulavam a cultura local (RODRIGUES, 1999, *apud*, BARROS, 2005, p. 87).

Com o estabelecimento da Chesf na cidade, essa dinâmica começa a mudar. No prisma econômico, Piranhas volta a se reerguer, pois, aumenta-se a geração de emprego, o que leva a necessidade do comércio se expandir, melhorando assim a economia local.

Por outro lado, no prisma social, a chegada de dezenas de pessoas para também trabalharem na construção e manutenção da hidroelétrica é o cerne da mudança social pois a dinâmica de interação entre essas duas populações – agora localizadas em Piranhas –, acontece de forma desigual.

Esses recém-chegados, ou como Norbert Elias chama “estabelecidos”, em seu livro “Estabelecidos e Outsiders”, onde ele estuda a interação de uma população local de Leicester e uma população recém estabelecida na cidade, o que pode-se aplicar na leitura do que ocorreu em Piranhas.

Portanto, esses recém-chegados, vindo de outras localidades e contratados pela Chesf se estabelecem na cidade Piranhas. Para abrigar essas pessoas, a Companhia promove a construção de dois bairros, são eles o Bairro Xingó (subdividido em duas vilas: Vila Sergipe e

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

Vila Alagoas), e o Bairro Nossa Senhora da Saúde. A forma que se construiu esses bairros é o início de conflitos e rivalidades entre a população, pois, a forma que a Chesf dispõe as pessoas nesses bairros impulsiona uma relação de desigualdade entre eles. Podemos ver um pouco dessa desigualdade na fala de um morador de Piranhas:

Olha, a Chesf tinha uma visão extremamente reacionária, discriminatória; quando se começaram as primeiras hidrelétricas – começou em Paulo Afonso aqui no Nordeste -, a Chesf construiu o seu acampamento e discriminava quem era engenheiro, quem era advogado, quem era do segundo escalão, do terceiro escalão, uma coisa extremamente, é, inconstitucional até [...] com a construção da hidrelétrica de Xingó já não teve muro, mas continuou com esse mesmo pensamento, é, vila Sergipe eram os nobres, que eram os engenheiros, os mais qualificados profissionais que viriam trabalhar na questão da hidrelétrica, e, a vila Alagoas, exatamente ficava aqueles funcionários com menor poder aquisitivo (Entrevista concedida em Piranhas, em setembro de 2016).

Primeiramente, a relação dos recém-chegados com a população local foi de estranhamento, por conta das diferentes formas de vivência, ou seja, não existiu identificação entre esses grupos, por causa dessa não identificação, acaba acontecendo a exclusão, o isolamento da população local pelos recém-chegados, ficando isolados de todo o contexto e mudança que são trazidos pelos pela Chesf, isso ocorre pelo menos durante o período de maior atuação da Companhia na cidade.

Elias tem uma visão interessante sobre essa questão de isolamento em sociedades que tem se deparam com “outsiders”:

Veja ou outra, podemos observar que os membros dos grupos mais poderosos que outros grupos interdependentes se pensam a si mesmos (se auto representam) como humanamente superiores. [...] Essa é a auto-imagem normal dos grupos que, em termos de seu diferencial de poder, são seguramente superiores a outros grupos interdependentes. Quer se trate de quadros sociais, como os senhores feudais em relação aos vilões, os “brancos” em relação aos “negros”, os gentios em relação aos judeus, os protestantes em relação aos católicos e vice-versa, os homens em relação às mulheres (antigamente), os Estados nacionais grandes e poderosos em relação a seus homólogos pequenos e relativamente impotentes, quer, como no caso de Winston Parva, de uma povoação da classe trabalhadora estabelecida desde longa data, em relação aos membros de uma nova povoação de trabalhadores em sua vizinhança, os grupos mais poderosos, na totalidade desses casos, veem-se como pessoas “melhores”, dotadas de uma espécie de carisma grupal, de uma virtude específica que é compartilhada por todos os membros e que falta aos outros. Mais ainda, em todos esses casos, os indivíduos “superiores” podem fazer com que os próprios indivíduos inferiores se sintam, eles

mesmos, carentes de virtudes – julgando-se humanamente inferiores (ELIAS, 2000, p. 19-20).

No caso de Piranhas, seguindo o estudo de Elias, quem se destaca como “superior” são os “outsiders”, os recém-chegados, e a população local acaba se isolando do contexto da Chesf, como falado anteriormente, durante o período em que a Companhia mais se destaca e produz em Piranhas.

Na realidade, a pequena e pacata Piranhas, adormecida desde a desativação da ferrovia na década de 60, não estava acostumada com a velocidade das transformações imposta pela construção da usina. O ritmo acelerado da obra, o vai-e-vem das pessoas, principalmente aquelas que estavam chegando para ficar – assustava e ao mesmo tempo fazia renascer momentos de prosperidade até então esquecidos. [...] Com a dimensão que o bairro de Xingó se tornou, passou a ser o centro das atenções e com a autonomia urbana do bairro de Xingó, concentração e comércio e serviços (não se falava mais em Piranhas como cidade, a escala do bairro assumia as proporções de cidade), e a parte mais antiga da cidade de Piranhas passa a ser frequentada por abrigar a Sede do Governo Municipal, pelos visitantes e pela sua prainha tida como a melhor da região. A vida em Piranhas continua calma pacientemente acomodada sobre as serras rochosas. Um certo isolacionismo é observado em relação aquela população atraída do bairro Xingó (SILVA, p. 51-54).

Na relação entre os próprios recém-chegados, a forma como a Chesf os dispôs nos bairros – o que é feito seguindo a lógica do poder econômico e status quo -, faz com que, já de início, não aconteça uma identificação natural entre os mesmos, e isso gera mudanças comportamentais de uns em relação a outros, dentro dessa dinâmica pré-estabelecida pela Chesf, como demonstra um morador da cidade:

É, convivência tinha sua separação porque, já foi criado três tipos de residência justamente para alojar as pessoas de acordo com a classe né, por exemplo, [...] criaram os bairros (sic), vila Alagoas, vila Sergipe, justamente a vila Sergipe fizeram ela para separar de acordo com a classe, não a classe social assim, mas com a classe empregatice (sic), por exemplo, se fosse um doutor, um engenheiro e fosse daquela classe ali, tinha suas casas na vila Sergipe, morava na vila Sergipe, tinha o clube separado também, que era o clube Atalaia, e o pessoal que trabalhava já ne (sic) outra área, por exemplo, a de encarregado, assistente administrativo, já morava na vila Alagoas (Entrevista concedida em Piranhas em junho de 2016).

Essas divergências surgem por conta das diferenças econômicas que foram exaltadas pela Chesf, de início nas estruturas das casas nos bairros, como a citação acima até interferir no

ir e vir de parcela dessa população. Como Silva explana em sua dissertação, “O conflito estabelecido entre esses dois mundos, Piranhas Sede do Governo e bairro de Xingó, nos reporta as coisas da realidade vivenciada pelos seus (velhos e novos) moradores, verdadeiros atores dessa dinâmica que o espaço físico territorial sedimentou” (SILVA, 2003, p. 68).

Outro caso que demonstra essa separação impulsionada pela Chesf, além da distribuição das pessoas nos bairros, é a forma de transporte concedido pela Companhia para as pessoas se dirigirem ao trabalho, como podemos ver:

também tinha aquela discriminação nos transportes, pra peãozada, que trabalhava no braçal mesmo, era caminhão grande, coberto de lona, e pra classe empregaticia (sic) de encarregado, auxiliar administrativo, encarregado de... e alguns da classe da outra também, da como é que diz, do, do seu ponto de emprego, até o pessoal de engenheiro, até engenheiro as vezes, engenheiro, médico, ia também de ônibus também, mas a maioria tinha seus carros próprios, próprio não, da empresa né (Entrevista concedida em Piranhas em junho de 2016).

Esses casos servem para nos mostrar o tamanho da influência e do poderio rapidamente conquistado pela Chesf na cidade e como sua intervenção modifica, em essência, a forma da população piranhense se relacionar, através da distinção territorial e de poder econômico. São esses desdobramentos sociais que consideramos negativos em relação a participação da Chesf em Piranhas.

Considerações finais

O presente artigo se propôs a, de forma inicial, explicar quais foram os desdobramentos e consequências sociais provenientes da instalação e intervenção da Chesf na cidade de Piranhas.

Entendeu-se que a modernização trazida pela Companhia para a cidade, junto com a promessa de alavancar uma volta econômica para Piranhas – e foi o que ocorreu, por isso a Companhia conseguiu um poderio grande e rápido na cidade -, porém, isso trouxe consequências sociais negativas por conta de como foram impostas as condições para seus moradores, percebendo-se um teor excludente da Companhia relacionado ao status quo e poder econômico dessa população, principalmente a recém-chegada.

Esse poderio e influência se tornam tão grande, ganha uma dimensão enorme, que a própria população excluída não enxerga, conscientemente, a discriminação que os cercam, e

que muitos deles sofrem, vendo apenas, de forma ampla, o que de positivo a Companhia realizou e trouxe para Piranhas.

Referências

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e outsiders:** Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar ed, 2000.

OLIVEIRA, Evelina Antunes F. de. **Nos trilhos da História do Baixo São Francisco:** Um ensaio sobre a estrada de Ferro de Paulo Afonso. Centro de ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Vol.4 nº 8 abril/setembro de 2003 – semestral.

SANTOS, Ronaldo José Ferreira Alves. Oficina de Projetos Ltda.

SILVA, Álvaro Antônio Moreira de. **Piranhas de baixo, Piranhas de Cima, Nova Piranhas:** Conservação urbana patrimonial versus modernização em área de influência direta da UHE de Xingó. 2003.

Relatório para escolha do local de aproveitamento hidrelétrico de Xingó.

Entrevista concedida por Altamiro Gomes Barboza, em junho de 2016.

Entrevista concedida por Inácio Loiola, em setembro de 2016.